

ACIDENTES COM ANIMAIS PEÇONHENTOS: UM ESTUDO ETNOZOOLOGICO COM AGRICULTORES DE TACARATU, SERTÃO DE PERNAMBUCO

KÊNIO ERITHON CAVALCANTE LIMA¹ & SIMÃO DIAS VASCONCELOS²

¹Mestrando em Ensino das Ciências da Universidade Federal Rural de Pernambuco; colaborador do Laboratório de Ensino de Zoologia, Departamento de Zoologia, Centro de Ciências Biológicas (CCB), Universidade Federal de Pernambuco

²Coordenador do Lab. de Ensino de Zoologia, Depto. de Zoologia, Centro de Ciências Biológicas, UFPE Av. Professor Moraes Rego, s/n, 50.670-420, Recife, Pernambuco, Brasil (simaovasconcelos@yahoo.com.br)

(Acidentes com animais peçonhentos: um estudo etnozoológico com agricultores de Tacaratu, sertão de Pernambuco) – A atividade agrícola em regiões de baixa tecnologia expõe o homem a acidentes com diversos animais peçonhentos, como serpentes, escorpiões e centopéias. Este estudo foi conduzido para investigar, a partir de uma perspectiva etnozoológica, a ocorrência de acidentes causados por animais peçonhentos em Tacaratu, sertão de Pernambuco. Em dezembro de 2004, realizamos entrevistas com 37 agricultores para caracterizar o perfil dos casos e documentar as medidas adotadas pelos acidentados. Observamos que os acidentes mais frequentes foram causados por abelhas e escorpiões, e que os agricultores fazem uso de diversos produtos da medicina popular, principalmente a fitoterapia. Acidentados recorrem a rituais religiosos e solicitam a ajuda de curandeiros da comunidade, especialmente para curar as mordidas de serpentes. O uso da medicina popular é estimulado por familiares e representa uma combinação de elementos das culturas e religiões européias, indígenas e africanas.

Palavras-chave: Animais peçonhentos, medicina popular, etnozologia.

(Accidents caused by poisonous animals: an ethnozoological study with farmers from Tacaratu, Pernambuco) – Agriculture-related activities in low input areas expose humans to a variety of accidents caused by poisonous animals, such as snakes, scorpions and centipedes. This study was performed to investigate, from an ethnozoological perspective, the occurrence of accidents caused by poisonous animals in Tacaratu, *sertao* of Pernambuco State, Brazil. In December 2004, we interviewed 37 farmers in order to characterize the cases and also to assess the victims' medicinal responses. We observed that accidents caused by bees and scorpions were the most frequent, and that the farmers used several popular medicinal products, primarily plant-derived. People frequently rely on religious rituals and ask for local healers' help, especially to heal snake-inflicted bites. The use of popular medicine is stimulated by relatives and represents a combination of elements from European, indigenous and African cultures and religions.

Key words: Venomous animals, folk medicine, ethnozoology.

INTRODUÇÃO

A ocupação humana de habitats urbanos e rurais tem sido acompanhada por profundas transformações em comunidades naturais. Uma das conseqüências é o aumento no registro da freqüência e da variedade de acidentes causados por animais peçonhentos, especialmente em áreas urbanas, onde tanto a disponibilidade de ambientes como os alimentos encontrados em entulhos, lixo e esgotos contribuem para a proliferação desses agentes (HOMEM DE MELLO *et al.*, 2003). Na zona rural, as atividades tradicionais de agricultura e pecuária, associadas à carência de equipamentos de proteção e ao hábito do agricultor de trabalhar sem proteção, podem amplificar a exposição humana a acidentes com animais peçonhentos.

Dentre os animais peçonhentos causadores de acidentes no Brasil destacam-se as serpentes, especialmente as dos gêneros *Micrurus*, *Crotalus* e *Bothrops*; dentre os invertebrados, os artrópodos, particularmente escorpiões e aranhas (FEITOSA *et al.*, 1997). Em menor escala, destacam-se centopéias, himenópteros (abelhas, vespas e formigas), coleópteros (besouros conhecidos como potós – estes não são peçonhentos, mas venenosos) e larvas de lepidópteros

urticantes (conhecidas como lagartas-de-fogo) (SCHVARTSMAN, 1992).

A medicina popular é definida como um conjunto de procedimentos envolvendo, entre outros, a fitoterapia, a medicina religiosa, a medicina mágica e a zooterapia (SOUTO MAIOR, 1997), utilizados no combate a diversos problemas de saúde, incluindo o tratamento de acidentes por animais. Na formação da medicina popular, POEL (2005) destaca que “*de origem européia, encontramos elementos celtas, greco-romanos, árabes, juntamente com partes da cabala, da alquimia, da medicina dos mosteiros e dos cirurgias práticas. Acrescentam-se a isso rituais e remédios que vêm da medicina indígena e da medicina africana, isto é, elementos banto e nagô*”.

No Brasil, o uso dos produtos derivados da medicina popular foi registrado muito antes da colonização. Os índios os utilizavam para a cura de doenças ou para fazer poções que ajudavam a manter o espírito purificado (PINTO & MADURO, 2003). Em Pernambuco, um grande pólo econômico e cultural do Brasil colonial, o uso de animais e plantas e de procedimentos místicos-religiosos tem um passado remoto (SILVA *et al.*, 2004).

Conforme SOUTO MAIOR (1997), a incorporação

de elementos naturais para o tratamento de doenças pode ter ocorrido a partir de observações do comportamento animal. Por exemplo, observa-se que o teju (*Tupinambis merianae*), quando atacado por uma serpente, procura se alimentar da raiz denominada cabeça-de-negro (batata-de-teiú) (*Wilbrandia* sp.), e assim neutralizar a ação da peçonha da serpente.

Segundo o Ministério do Meio Ambiente, pelo menos 150 produtos de origem vegetal (plantas medicinais) são reconhecidos pela Organização Mundial de Saúde como de real valor terapêutico (PINTO & MADURO, 2003). Além de plantas, produtos de origem animal também são popularmente utilizados no combate a várias doenças, como as banhas (gorduras) que servem como pomadas curativas e as misturas denominadas xaropes e garrafadas (PINTO & MADURO, 2003). COSTA NETO (1999a) registrou o uso medicinal de mais de 150 espécies de pelo menos 12 grupos taxonômicos no estado da Bahia.

Atualmente, apesar do avanço tecnológico da medicina tradicional, o uso da medicina popular pode ser explicado por tradições culturais e pelos custos dos tratamentos alopáticos. Outro fator consiste na dificuldade que muitos indivíduos de classes populares enfrentam para conseguir atendimento médico adequado em instituições públicas de saúde. O universo cultural do campo, apesar de tradicionalmente associado a um conhecimento mais “simples” dos fenômenos naturais, em contraponto à Ciência convencional, sistematizada, pode representar um espaço de descobertas e resgate de saberes úteis, subsidiando pesquisas sobre procedimentos terapêuticos eficazes e até mesmo estimulando a prospecção de compostos químicos com propriedades farmacêuticas.

No tratamento de vítimas de animais peçonhentos, encontra-se associada à fitoterapia uma série de valores religiosos, herdados dos nativos e colonizadores, além de doutrinas incorporadas no Brasil por colônias de imigrantes de outras nações. Representam o poder da fé introduzido em nossa cultura, que se manteve enraizado e interagindo no procedimento de cura em muitos rituais religiosos e profanos. Nesse processo, participam curandeiros e rezadores, pessoas importantes para a comunidade, sendo muitas vezes a ligação entre o elemento religioso e o conhecimento sobre o uso dos recursos da natureza para extração dos seus princípios ativos ou como elementos de rituais.

Este trabalho busca contribuir para o conhecimento etnozoológico de uma região do Sertão pernambucano, partindo da hipótese de que populações rurais, especialmente com ascendência indígena, possuem valores, conceitos e posturas mais simpatizantes à medicina popular. Em Tacaratu se localiza uma aldeia indígena da tribo Pankararu, o que determinou uma significativa composição da população local, formada por diferentes etnias e suas miscigenações. O presente estudo baseou-se em entrevistas com agricultores de Tacaratu, durante as quais se buscou responder duas perguntas: a) quais são os acidentes mais comuns envolvendo animais peçonhentos?; b) quais são as técnicas “tradicionais” (medicina popular) de tratamento

contra os possíveis efeitos desses acidentes?

MATERIAL E MÉTODOS

Categorização do local de estudo

A pesquisa foi conduzida em Tacaratu (09°02'S; 38°11'W), município com cerca de 17 mil habitantes, localizado na mesorregião do Sertão do São Francisco, microrregião de Itaparica, a 453 km de Recife. De acordo com TORRES (2004), o município teve origem a partir de uma maloca ou “ajuntamento de índios” da tribo Pankararu datada do século XVII. Posteriormente, houve a chegada de uma missão religiosa, determinando a influência católica na região, e de muitas famílias de origem européia, com seus escravos negros, para ocupar a região às margens do Rio São Francisco em função dos projetos da ferrovia de Paulo Afonso (TORRES, 2004).

A economia local fundamenta-se no cultivo de frutas (manga, pinha, caju) e grãos (feijão e milho), além do artesanato de tecelagem, com maior concentração de produção na Vila de Caraibeiras. A exploração das terras ainda é feita de modo rústico, utilizando-se ferramentas simples para plantio e limpeza das áreas de cultura. Os agricultores não costumam fazer uso de equipamentos de segurança, como botas ou luvas, o que aumenta a exposição a acidentes com animais peçonhentos.

Coleta e sistematização dos dados

Os dados utilizados neste estudo foram obtidos por meio de entrevistas semi-estruturadas (ver Apêndice) nas quais se buscou descobrir (i) a frequência de acidentes, (ii) a parte do corpo afetada e (iii) os procedimentos adotados para aliviar os sintomas e neutralizar os efeitos toxicológicos. Procurou-se descobrir as formas de utilização da medicina popular e como esta é socializada entre os integrantes da população local. Também foi perguntado se os entrevistados recorriam a expedientes místicos e religiosos, como orações e simpatias receitadas por curandeiros.

As entrevistas foram realizadas em dezembro de 2004 com agricultores de dois distritos do município: o primeiro da cidade de Tacaratu e seus sítios periféricos; o segundo da Vila de Caraibeiras e arredores. Foram entrevistados 37 indivíduos adultos (18 anos de idade ou mais) que sofreram algum tipo de acidente com animal peçonhento/venenoso. Para tentar identificar os animais envolvidos, optou-se por deixar o agricultor definir o nome comum do animal e escolher uma das três categorias de frequência, a saber: baixa (até três acidentes com o mesmo tipo de animal ao longo da vida); média (de quatro a seis acidentes); e alta (mais de seis acidentes com o mesmo tipo de animal).

As entrevistas demoraram em média 30 minutos, o tempo necessário para socialização, explicação dos objetivos da pesquisa e realização das perguntas. O entrevistado ficava livre para fazer suas colocações e comentários adicionais. As entrevistas ocorreram nas residências dos agricultores, situadas na zona urbana ou em sítios periféricos, em casas comerciais do centro da cidade ou nas ruas em

dias de feira popular, sendo conduzidas pelo primeiro autor deste trabalho. Sendo o entrevistador nativo e habitante do município, supõe-se que os entrevistados sentiram-se à vontade para compartilhar suas experiências com fidedignidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil dos agricultores de Tacaratu e dos acidentes

O perfil dos entrevistados revela que 48,6% dos 37 moradores entrevistados eram de origem indígena, representando a composição da população do município. Refletindo a predominância de homens na agricultura local, apenas 21,6% dos agricultores entrevistados eram do sexo feminino. A grande maioria situava-se na meia idade: 10,8% tinham entre 18 e 30 anos; 10,8% entre 31 e 40 anos; 19,0% entre 41 e 50 anos; 19,0% entre 51 e 60 anos; 27,0% entre 61 e 70; e 13,4% tinham mais de 70 anos.

Os himenópteros foram o grupo mais comumente envolvido em acidentes, visto que 100% dos entrevistados afirmaram ter sofrido ferroadas de abelhas, marimbondos e vespas e/ou picadas de formigas (Tabela 1). Além da constância, acidentes com himenópteros também foram bastante frequentes, pois a maioria dos entrevistados sofreu mais de seis acidentes com o mesmo tipo de agente em diversas regiões do corpo (cabeça, tronco e membros). Mesmo não sendo animais dos mais perigosos, o ataque de abelhas pode ser fatal em casos de hipersensibilidade ao desencadear processos alérgicos na vítima (FAN & FRANÇA, 1992). A facilidade de locomoção desses insetos e sua ubiquidade, colonizando árvores, forros de residências e outros abrigos, aumentam as chances de contato com humanos (HOMEM DE MELO *et al.*, 2003).

Acidentes ocorridos com lepidópteros em fase larval (lagartas-de-fogo) e coleópteros (potós, provavelmente *Paederus* sp.) ocorreram com cerca de 80,0% dos entrevistados, sendo que os membros (inferior e superior) foram as partes do corpo mais atingidas. Cerca de 59,0% dos acidentes com lepidópteros e 55,0% com coleópteros situam-se na categoria de baixa frequência, com até três acidentes. Lepidópteros provocam acidentes de baixa a média gravidade, determinando queimaduras no local do corpo que teve contato com as toxinas (MORAES, 1992). Segundo ALVA-DÁVALO *et al.* (2002), acidentes com *Paederus irritans* provocam ardor e eritema, seguido de vesiculação, e são mais frequentes durante o trabalho no campo. Isto foi detectado neste estudo, pois os agricultores relataram mais acidentes por potós em tempo de colheita do milho.

Já os acidentes ocorridos com quilópodos (denominados pela comunidade de estudo como piolhos-de-cobra ou lacraias) foram pouco frequentes, ocorrendo em menos de 20,0% dos entrevistados. Os membros inferiores, principalmente os pés, foram as partes mais afetadas. Apesar da baixa frequência, acidentes em outras regiões do país também têm sido quantificados, como no estudo feito no estado de São Paulo, quando 216 casos foram registrados de 1980 a 1989 (KNYSAK *et al.*, 1998). Os sintomas

comumente descritos são dores locais, semelhantes a uma queimadura, seguidas de formação de edema (BARROSO *et al.*, 2001).

Embora tenham ocorrido com mais de um quarto dos entrevistados (27,0%), incidentes com aranhas não foram considerados graves pelas vítimas, que afirmaram ter sentido apenas dor local e leve hematoma e não procuraram ajuda clínica especializada. A região estudada e o próprio estado de Pernambuco ainda não apresentam espécies de aranhas de mesma gravidade que as regiões Sudeste e Sul do Brasil (LUCAS & SILVA JÚNIOR, 1992). Em Tacaratu, os agricultores mencionaram principalmente as aranhas caranguejeiras (Mygalomorphae, da família Theraphosidae), as quais, segundo LUCAS & SILVA JÚNIOR (1992), liberam pêlos urticantes, provocando dor leve e efeitos alérgicos de importância médica limitada para um adulto.

Por sua vez, mais de 80,0% dos entrevistados disseram ter sofrido acidentes com escorpiões. Dos entrevistados, 70,0% tiveram entre um e três acidentes, enquanto pouco mais de 26,0% já haviam sofrido mais de seis acidentes ao longo da vida (Tabela 1). As partes do corpo mais comumente atingidas foram os pés e as mãos, talvez pelo hábito de remover objetos sem qualquer tipo de proteção. Como sintomatologia, os agricultores relataram dor forte e inchaço no local, com reduzida mobilidade do membro atingido, além de febre intensa, incapacitando-os temporariamente para suas atividades.

Em Pernambuco, *Tityus stigmurus* (Buthidae) predomina como o agente causal de acidentes na Região Metropolitana do Recife. Em coleta de campo realizada pelo primeiro autor em julho de 2005, não foi registrada nenhuma espécie deste gênero em Tacaratu. De modo geral, o número de acidentes escorpiônicos tem aumentado consideravelmente nos últimos anos em Pernambuco (Américo Oliveira Júnior, Centro de Atendimento Toxicológico de Pernambuco, com. pessoal). Para LIRA-DA-SILVA *et al.* (2000), a gravidade do acidente depende da espécie e da quantidade de peçonha injetada. É importante lembrar que entre os habitats e microhabitats usados pelos escorpiões estão lascas de madeira, troncos, sob pedras, frestas ou construções como residências e locais de armazenamento de alimentos e ferramentas de trabalho (LUCAS & SILVA JÚNIOR, 1992). Em suas atividades diárias, os entrevistados se expõem a riscos de acidentes com escorpiões quando removem ou transportam estruturas que lhes servem de abrigo sem usar equipamentos de proteção.

Seis acidentes com serpentes foram registrados entre os entrevistados: quatro com jararaca (*Bothrops*), um com cascavel (*Crotalus*) e um com coral (*Micrurus*), todas relativamente comuns na região. Dois dos acidentes ocorreram com um mesmo agricultor. No total, acidentes com serpentes não envolveram mais de 15,0% dos entrevistados (Tabela 1). A predominância de serpentes do gênero *Bothrops* reflete a realidade nacional, pois este gênero responde por mais de 80% dos acidentes ofídicos em diversos estados (RIBEIRO *et al.*, 1995; FEITOSA *et al.*, 1997; ALBUQUERQUE *et al.*, 2005). Os agricultores assinalaram os

membros, principalmente os pés, como a parte do corpo mais sujeita a acidentes com serpentes, a exemplo do que foi relatado por outros autores (RIBEIRO *et al.*, 1995; FEITOSA *et al.*, 1997).

Medicina popular no tratamento de acidentes com animais peçonhentos

A análise dos procedimentos utilizados no tratamento de acidentes com animais peçonhentos revela o uso de produtos naturais, simpatias e rituais religiosos (Tabela 2). Para tratar acidentes com abelhas, vespas e formigas,

registrou-se o uso de alho ou maceração de qualquer folha verde encontrada na região, aplicando-se sobre o local do acidente. Os entrevistados relataram ainda que a colocação da ponta da faca e/ou da raspagem do próprio dente sobre o local da picada ou mordida alivia a dor. Dentre os entrevistados, apenas um afirmou ter apresentado forte alergia à toxina de abelhas, tendo necessidade de uso de anti-histamínico. No tratamento de acidentes com lagarta-de-fogo, potó e centopéia, os agricultores relataram a lavagem com sabão amarelo (Tabela 2), além do uso de pomadas farmacêuticas (alopático).

Tabela 1. Frequência dos acidentes causados por animais peçonhentos/venenosos entre agricultores de Tacaratu (PE), segundo entrevistas (N=37) realizadas em dezembro de 2004.

Grupo zoológico	% dos entrevistados	Frequência		
		Baixa (1 a 3 acidentes com o mesmo tipo de animal)	Média (4 a 6 acidentes com o mesmo tipo de animal)	Alta (> 6 acidentes com o mesmo tipo de animal)
Abelha	100,0% (N = 37)	16,2%	-	83,8%
Vespa	94,6% (N = 35)	34,2%	-	65,8%
Formiga	89,2% (N = 33)	30,2%	-	69,8%
Larva de lepidóptero	78,4% (N = 29)	58,7%	3,4%	37,9%
Coleóptero (Potó)	78,4% (N = 33)	55,1%	3,4%	41,5%
Centopéia	18,9% (N = 7)	85,7%	-	14,3%
Aranha	27,0% (N = 10)	80,0%	10,0%	10,0%
Escorpião	81,1% (N = 30)	70,0%	3,3%	26,7%
Serpente	13,5% (N = 5)	100,0%	-	-

No caso de acidentes com escorpiões, foram registrados o uso do alho e a maceração de folhas verdes de plantas locais sobre a picada como processos paliativos, a ingestão de contra-veneno (substâncias de efeito neutralizante de peçonhas) e de aguardente de cana, além de derramar a aguardente sobre o local da picada. Mencionaram ainda procedimentos pouco conhecidos, como

“subir em uma superfície alta e olhar para o céu”, “subir em uma superfície alta e pular”, “sair pulando” ou ainda “ficar mais alto que o escorpião” (Tabela 2). Outros procedimentos incluem pegar o próprio animal já morto, macerá-lo e aplicar a massa sobre o local do acidente. Tal técnica foi registrada por COSTA NETO (1999a) para o estado da Bahia.

Tabela 2. Medicamentos populares e procedimentos não convencionais mais utilizados pelos agricultores de Tacaratu (PE) para tratamento de acidentes com animais peçonhentos/venenosos. (+) indica o uso do produto ou procedimento; (-) indica que o procedimento não é adotado.

Medicamentos e procedimentos populares	Himenópteros (abelhas, vespas e formigas)	Lepidópteros	Coleópteros	Quilópodos (piolho-de-cobra/ lacraias)	Aranhas/ Escorpiões	Serpentes
Produtos						
Alho	+	+	+	-	+	-
Extrato de folhas	+	+	+	-	-	-
Sabão amarelo	-	+	+	+	-	-
Aguardente (cachaça / pinga)	+	+	+	-	+	+
Sal	-	+	+	-	-	-
Pinhão-roxo	+	+	+	-	-	+
Procedimentos						
Pular do alto da cadeira	-	-	-	-	+	-
De quarentena sem fazer sexo	-	-	-	-	-	+
Usar correia benta	-	-	-	-	-	+
Colocar castanha de caju no local da picada	-	-	-	-	-	+
Pedir ajuda ao rezador ou curadeiro	-	-	-	-	-	+

Já no caso de acidentes com serpentes, alguns agricultores procuraram postos de saúde e hospitais da região para atendimento médico. Outros fizeram uso da medicina popular, ingerindo o sumo do pinhão-rosa (*Jatropha gossypifolia*) como procedimento para neutralizar os efeitos da peçonha. No entanto, alguns entrevistados que nunca foram mordidos por serpentes informaram que eram curados. Na cultura local, ser “curado” é ser protegido, apresentando uma “energia” ou “poder” capaz de repelir ou afastar serpentes do caminho ou das proximidades. Citando as palavras de um entrevistado, “as serpentes, quando sentem que eles se aproximam, tomam outro caminho, pois sabem que eles são curados e que não seriam capazes de atingi-los”; assim, não haveria possibilidade de ocorrer acidentes.

Segundo comentário da agricultora Maria Auxiliadora Lima Cruz, era costume dos caçadores e vaqueiros levar no bernal (tipo de bolsa feita com cipó de caroá) uma castanha de caju quando iam para a mata. Caso houvesse algum ataque de serpente, a vítima cortaria a castanha ao meio e colocaria uma das metades sobre o local da picada, deixando-a presa com o lado do corte voltado para o ferimento, evitando assim que o veneno não se espalhe, dando tempo para o acidentado receber socorro. Os agricultores também relataram que ingerem aguardente de cana e fazem uso de correias (tiras de couro) bentas ou curadas pelo rezador/curandeiro, amarrando-as no membro atingido. Por último, relataram que buscam ajuda de curandeiros para realizar orações (processos de cura espiritual) (Tabela 2).

Freqüentemente, vários procedimentos são adotados simultaneamente, como se a vítima quisesse se prevenir contra o risco de que alguma das medidas venha a falhar. Nesse caso, porém, não seria possível depois atribuir a cura a uma ação isolada, mas ao conjunto de ações. Nas entrevistas, foi possível detectar o uso de produtos naturais com fins religiosos trabalhando em conjunto com procedimentos profanos, tudo isso com um objetivo em comum: garantir a cura do enfermo.

No tratamento dos acidentes, foi observado o relato do uso freqüente de produtos de origem vegetal (alho, folhas verdes, pinhão-rosa) para aliviar ou curar efeitos toxicológicos resultantes dos acidentes. No entanto, não houve qualquer menção por parte dos agricultores do uso de produtos de origem animal para o mesmo fim, seja pela falta de lembrança ou conhecimento específico dos pesquisados. Isto não significa que a zooterapia não seja apreciada na região, uma vez que 27% dos entrevistados utilizam produtos animais – banha de teju, carneiro ou galinha, chá de patas de grilo – contra outros males. COSTA NETO (1999a, b) e SILVA *et al.* (2004) destacam o valor medicinal do uso terapêutico de animais em diversas comunidades do interior brasileiro e em regiões ribeirinhas e litorâneas.

Segundo os agricultores, a adoção da medicina popular é incentivada pelos integrantes mais velhos da família ou das comunidades onde residem, sendo um co-

hecimento transmitido ao longo de gerações (Tabela 3). A crença nos procedimentos relatados é respeitada, tendo em vista que são recomendados às pessoas acometidas das enfermidades causadas por animais peçonhentos que os procuram buscando tratamento. O valor religioso e místico, associado a valores culturais, complementaria o papel da fitoterapia e da zooterapia. Em conversas informais com os habitantes da região, por exemplo, era comum ouvir referências à proteção conferida por São Bento contra picadas de serpentes.

Os resultados obtidos refletem a forte relação dos agricultores de Tacaratu com o conhecimento consagrado pela medicina popular, incluindo elementos do sobrenatural, uma conclusão que talvez possa ser extrapolada para diversas outras comunidades de agricultores do interior da região Nordeste. Mesmo com um menor potencial de divulgação e expansão quando comparado aos avanços da medicina convencional, especialmente entre os mais jovens, tais saberes ainda se mantêm preservados na memória coletiva dessas comunidades. SILVA *et al.* (2004) relatam que os povos que conservam hábitos herdados de antepassados utilizam com maior intensidade os recursos da medicina popular para tratar suas enfermidades.

Tabela 3. Procedimentos em casos de acidentes com animais peçonhentos entre agricultores de Tacaratu (PE), segundo entrevistas (N=37) realizadas em dezembro de 2004.

Categorias / Perguntas	SIM	NÃO
Fez uso de alguma substância caseira (chá, extrato, unguento, emplastro etc.) para passar a dor e o efeito do veneno?	57%	43%
Já buscou auxílio de algum curandeiro/rezador para tratar algum acidente com animais?	11%	89%
Já usou algum animal ou parte dele no tratamento de acidentes com animais peçonhentos?	-	100%
Obteve o conhecimento sobre o medicamento ou procedimento utilizado através de algum membro da família?	58%	42%

Em algumas regiões do Nordeste, a medicina popular sobrevive e é repassada pelos conhecidos “caboclos”, descendentes de índios e negros, por curandeiros e rezadores, por pessoas idosas que acabam transmitindo seus conhecimentos às gerações mais jovens. É esta multiplicidade de percepções, integrando elementos da ciência “tradicional” com práticas culturais, religiosas e profanas, que ajuda a moldar uma identidade, muitas vezes singular, para cada uma das diversas comunidades que vivem no interior do Nordeste brasileiro.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos agricultores de Tacaratu pela disponibilidade e interesse em compartilhar suas experiências. Esta pesquisa é parte do projeto de pós-graduação do primeiro autor na Universidade Federal Rural de Pernambuco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE HN, A FERNANDES, ICS ALBUQUERQUE. 2005. Snakebites in Paraíba, Brazil. **J. Venom Anim. Toxins incl. Trop. Dis.** 11(3): 242-251.
- ALVA-DÁVALO V, VA LAGUNA-TORRES, A HUAMÁN, R OLIVOS, M CHÁVEZ, C GARCIA & N MENDOZA. 2002. Dermatite epidêmica por *Paederus irritans* em Piura, Peru, 1999, relacionada ao fenômeno *El Niño*. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.** 35(1): 23-28.
- BARROSO E, ASV HIDACA, AX SANTOS, JDM FRANÇA, AMB SOUZA, JR VALENTE, AFA MAGALHÃES & PPO PARDAL. 2001. Acidentes por centopéias notificados pelo “Centro de Informações Toxicológicas de Belém”, num período de dois anos. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.** 34(6): 527-530.
- COSTA NETO EM. 1999a. **Barata é um santo remédio: introdução à zooterapia popular no estado da Bahia**. Feira de Santana: UEFS.
- COSTA NETO EM. 1999b. Healing with animals in Feira de Santana City, Bahia, Brazil. **J. Ethnopharmacol.** 65: 225-230.
- FAN HW & FOS FRANÇA. 1992. Acidentes por himenópteros, p. 228-232. *In: S SCHVARTSMAN (ed.). Plantas venenosas e animais peçonhentos*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Sarvier.
- FEITOSA RFG, IMLA MELO & HSA MONTEIRO. 1997. Epidemiologia dos acidentes por serpentes peçonhentas no Estado do Ceará - Brasil. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.** 30(4): 295-301.
- HOMEM DE MELO MHS, EA SILVA & D NATAL. 2003. Abelhas africanizadas em área metropolitana do Brasil: abrigos e influências climáticas. **Rev. Saúde Públ.** 37(2): 237-241.
- KNYSAK I, R MARTINS & CR BERTIM. 1998. Aspectos epidemiológicos de acidentes de lacraias (Scolopendromorphae: Chilopoda) em região urbana de São Paulo, Brasil. **Rev. Saúde Públ.** 32(6): 514-518.
- LIRA-DA-SILVA RM, AM MORIM & TK BRASIL. 2000. Envenenamento por *Tityus stigmurus* (Scorpiones, Buthidae) no Estado da Bahia, Brasil. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.** 33(3): 239-245.
- LUCAS SM & PI SILVA JÚNIOR. 1992. Aranhas de interesse médico no Brasil, p. 189-196 *In: S SCHVARTSMAN (ed.). Plantas venenosas e animais peçonhentos*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Sarvier.
- MORAES RHP. 1992. Lepidópteros brasileiros de importância médica, p. 233-244. *In: S SCHVARTSMAN (ed.). Plantas venenosas e animais peçonhentos*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Sarvier.
- PINTO AAC & CB MADURO. 2003. Produtos e subprodutos da medicina popular comercializados na cidade de Boa Vista, Roraima. **Acta Amazonica** 33(2): 281-290.
- POEL FVD. 2005. **O processo da cura na cultura popular**. Disponível online em <www.religiosidadepopular.uaivip.com.br/medicina>. Acesso em 23 ago 2005.
- RIBEIRO LA, MT JORGE & LB IVERSSON. 1995. Epidemiologia do acidente por serpentes peçonhentas: estudo de casos atendidos em 1988. **Rev. Saúde Públ.** 29(5): 380-388.
- SCHVARTSMAN S. 1992. **Plantas venenosas e animais peçonhentos**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Sarvier.
- SILVA MLV, AGC ALVES & AV ALMEIDA. 2004. Zooterapia no Recife (Pernambuco): uma articulação entre as práticas e a história. **Biomas** 17(1): 95-116.
- SOUTO MAIOR M. 1997 **A medicina popular e alguns remédios curiosos**. Fundação Joaquim Nabuco. (Trabalhos para discussão, n.75).
- TORRES LFL. 2004. **Tacaratu – PE, Festas e Tradições**. Monografia de Especialização em Ensino de História, Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde.

Roteiro para as entrevistas semi-estruturadas

Amostra: Agricultores / moradores de área agrícola em comunidades de área de caatinga no Estado de Pernambuco.

- 1) Origem: Indígena () Nativo não Indígena ()
- 2) Sexo: Masculino () Feminino ()
- 3) Idade: () < 30 () 31 a 40 () 41 a 50 () 51 a 60 () 61 a 70 () > 70
- 4) Já sofreu algum acidente com animal venenoso / peçonhento? () SIM () NÃO
- 5) Qual?

() Abelha	() Escorpião	() Centopéia / Piolho-de-Cobra / Lacaia
() Cobra	Qual foi a cobra ?	
() Vespa / maribondo	() Lagarta-de-fogo	() Potó
() Formiga	() Outros. Qual (ais)?	
- 5.I) Parte do corpo afetada?

Cabeça ()	Tronco ()	Membros ()	Pés ()	Mãos ()
------------	------------	-------------	---------	----------
- 5.II) Procurou posto de saúde / médico? SIM () NÃO ()
- 5.III) Foi medicado? SIM () NÃO ()
- 6) Que providências o (a) senhor (a) tomou?
- 7) Faz uso de alguma substância (chá / extrato) para passar a dor / efeito do veneno? SIM () NÃO ()
- 8) Para quais acidentes?
- 9) Qual foi a planta ou animal usado para preparar a substância?
- 10) Como você preparou? () Infusão () Maceração () deixou de molho.
- 11) Quem sugeriu / de onde obteve o conhecimento? () Familiar () Comunidade
- 12) Já buscou auxílio de algum curandeiro / rezador para tratar algum acidente com animal? SIM () NÃO ()
- 13) Qual foi o procedimento?
- 14) Você já usou algum animal ou parte dele como extrato para preparar algum medicamento (Contra qualquer problema de saúde)? SIM () NÃO ()
- 15) Qual foi o animal?
- 16) Que parte do animal você usou para fazer o preparo?
- 17) Para que doença ou enfermidade?
- 18) Como você preparou?
- 19) O preparo foi eficaz, tratou / curou o problema? SIM () NÃO ()
- 20) Você já recomendou este(s) método(s) a um conhecido seu? SIM () NÃO ()
- 21) Por quê?